Literatura de Viagem e a Questão da Identidade Cultural: Almeida Garret

*Maria Luíza Ritzel Remédios**

A viagem, tema sempre cultivado nas culturas de língua portuguesa, representa, normalmente, não só a vontade de romper fronteiras ou limites geográficos, mas também o desejo do viajante de, através do conhecimento de novos povos e culturas, pensar de uma maneira diferente o seu próprio eu. Se Camões, no século XVI, relata os feitos e as conquistas portuguesas durante a viagem para as Índias, comandada por Vasco da Gama, outra é a viagem que, no século XIX, Almeida Garrett relata em Viagens na minha terra, *cujo mérito centra-se justamente na textualização da memória, na viagem como temática e motivo da novela, no conceito de nação e no autobiografismo que o Autor desenvolve.*

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Coordenadora do Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa da PUCRS.

O tema da viagem sempre foi cultivado nas culturas de língua portuguesa, pois, desde o século XIV, quando os navegadores portugueses desbravavam os mares em busca de novas terras, registraram os percalços, o trajeto das viagens e os descobrimentos que faziam, bem como descreviam, em forma de narrativa, as terras e os homens que encontravam. Produziram uma literatura relacionada a fatos extraliterários, que não se circunscrevia apenas ao percurso espacial e temporal do viajante; referia-se, muito mais, aos motivos que o levavam a deslocar-se de um ponto a outro, os quais são capazes de condicionar sua concretização e representação discursiva.[1] A viagem representa, normalmente, não só a vontade de romper fronteiras ou limites geográficos, mas também o desejo do viajante de, através do conhecimento de novos povos e culturas, pensar de uma maneira diferente o seu próprio eu.

Em *Os Lusíadas,* Camões, narrando a viagem da gente lusíada para o Oriente, estabelece o marco inicial da pátria e da língua portuguesas e aponta para a identidade do homem português. Ao estabelecer o diálogo de Portugal com outras nações descobertas e adicionadas ao Império português, sempre em viagem desvela as decepções e as constestações à grandiosidade do ser português. A viagem, na epopéia camoniana, representava a vitória de sua Pátria e as descobertas marítimas comprovavam os méritos desse homem que enfrentava os labirintos inimagináveis do desconhecido, vencendo temores e limites, acreditando em si mesmo e em sua Pátria, ampliando a sua nacionalidade. Vasco da Gama é o capitão que dirige essa viagem heróica e venturosa dos portugueses.

Se Camões, no século XVI, relata os feitos e as conquistas portuguesas durante a viagem para as Índias, comandada por Vasco da Gama, outra é a viagem que, no século XIX, Almeida Garrett relata. Sua novela *Viagens na minha terra*[2] constitui-se num texto em que não importa só o relato minucioso dos fatos e dos incidentes de uma viagem, mas, principalmente, é um texto em que "a viagem em si mesma constitui elemento temático fundamental"[3]. Garrett trata a viagem como modo de busca identitária, que Félix Guattari e S. Rolnick[4] definem como um "processo de segundo grau, em permanente movimento de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e integrando a trama discursiva sem paralisá-la", o que leva o leitor a deduzir que edificar a sociedade é erguer uma ponte entre as identidades individuais e a identidade nacional. De fato, a viagem enquanto tema

[1] REIS, Carlos. O discurso da Peregrinação: narrativa, viagem, tempo. *BHS*, LXXI, 1994, p. 87-95.

[2] GARRETT, Almeida. Viagens na minha terra. In:___. *Obra completa.* Porto: Lello & Irmão, 1966, p. 9-208. A essa edição referem-se todas as citações.

[3] REIS, Carlos. Op. cit., nota 2. p. 89.

[4] GUATTARI, Félix; ROLNICK, S. *Cartografias do desejo.* Petrópolis: Vozes, 1986.

está marcada desde o primeiro capítulo de *Viagens na minha terra,* quando o narrador diz:

> Que *viaje* à roda de seu quarto quem está à beira dos Alpes, de Inverno, em Turim, que é quase tão frio como Sampetersburgo - entende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, com a laranjeira que cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio Xavier de Maistre, que aqui escrevesse, *ao menos ia até o quintal.*
> Eu muitas vezes, nestas sufocadas noites de Estio, *viajo* até minha janela para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua e me enganar com uns verdes de árvores que ali vegetam sua laboriosa infância nos entulhos do Cais do Sodré. E nunca escrevi estas *minhas viagens* nem as suas impressões: pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha pena: pobre e soberba, quer assunto mais largo? Pois hei-de dar-lho. *Vou nada menos que a Santarém,* e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há de fazer *crónica.* (p.11. Os grifos são nossos.)

Nessa ordem de idéias, o propósito da viagem do herói fica bem definido: "Vou nada menos que a Santarém", bem como situa a novela como crônica-ensaio e um ato de intervenção, pois

> Era uma idéia vaga, mais desejo que tenção, que eu tinha há muito, de ir reconhecer as ricas várzeas desse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais histórica e monumental das nossas vilas. Abalam-me as instâncias de um amigo, decidem-me as tonteiras de um jornal, que por mexeriquice quis encabeçar, em desígnio político determinado, a minha visita.
> Pois por isso mesmo vou: - pronunciei-me. (p. 11. O sublinhado é nosso.)

Viagem, intervenção, crônica-ensaio em que teses serão desenvolvidas, a novela constrói uma proposição nos dois primeiros capítulos e, de início, apresenta um elogio do Autor à sua produção:

> Primeiro que tudo, a minha obra é um símbolo... é um mito, palavra grega, e de moda germânica, que se mete hoje em tudo e com que se explica tudo... quanto se não pode explicar.
> É um mito, porque - porque... Já agora rasgo o véu e declaro ao benévolo leitor a profunda idéia que está

> oculta debaixo desta ligeira aparência de viagenzita que parece feita a brincar, e no fim de contas é uma coisa séria, grave, pensada como um livro novo da feira de Lípsia, não das tais brochurinhas dos "boulevards" de Paris. (p.16)

Permite, assim, ao "leitor benévolo" que, simultaneamente aos dois domínios fundamentais, o exotismo e o nacionalismo, desvele a intenção afirmada pelo Autor desde a sua juventude e confirmada no prefácio de *O Arco de Sant'Ana:* lutar pelos ideais liberais.

Esse propósito, realizado na novela, tem suas conseqüências numa atitude narrativa específica: em primeiro lugar, a emergência de um narrador autodiegético que conta uma história destinada a ser exemplar; em segundo lugar, intervenções do narrador que marcam a exemplaridade do relato, relacionando o passado e o presente e destacando aspectos negativos e a inferioridade desse em relação àquele; em terceiro lugar, a tentativa de comprometer o narratário explícito, "leitor benévolo", nas viagens relatadas; por fim, a questão do verossímil e do verdadeiro, da ilusão do verdadeiro percebida através do tom coloquial, da aproximação do quotidiano e do documento. A par disso, somem-se a ironia e as considerações humorísticas, que trazem consigo interrupções reflexivas, evidenciando a nostalgia do passado e as profundas marcas que a guerra civil deixara, bem como os ódios partidários que permaneceram. Carlos, herói da novela, tanto quanto Garrett, seu criador, assistia temerosamente à ascensão da burguesia, apontando para o regime de Costa Cabral, que, sob a capa de um liberalismo de fachada, constituiu um "status in statu", defendido por processos nem sempre honestos. Em *Viagens,* os oportunistas, os novos-ricos, são denominados de "barões" e são "usurariamente revolucionários e revolucionariamente usurários" (p. 134). Essa atitude narrativa justifica a viagem que se realiza no interior do próprio país do autor-narrador, o qual busca as fontes de sua nacionalidade no contato direto com os cenários que presenciaram a história e que, por si sós, são capazes de a fazer reviver.

Benedict Anderson[5] sublinha como quadros de referência tão significativos, em seu auge, quanto à nacionalidade, dois sistemas culturais: a comunidade religiosa e o reino dinástico. Organizados a partir da primordialidade de uma língua sobre outra, esses sistemas forneceriam as bases ao estabelecimento das nações modernas e, conseqüentemente, da consciência nacional, devendo-se apontar que a palavra "nação" designa uma comunidade política imaginada como soberana e implicitamente limitada por suas raízes

---

[5] ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional.* São Paulo: Ática, 1989.

culturais. O companheirismo profundo e horizontal, entendido como comunidade, tem, no desenvolvimento da imprensa e do romance, dois novos aliados à idéia de simultaneidade temporal, que o torna possível. A novela *Viagens na minha terra* apresenta traços que a identificam aos paradigmas da forma romanesca romântica, preponderante na Europa do século XIX, e adentra num quadro referencial marcado pela reprodução do pensamento político-social de uma sociedade dividida em duas facções, miguelistas e liberais, no interior de uma retórica em que o binômio antitético "Portugal velho" (absolutismo miguelista)/"Portugal novo" (liberais) sobressai como a norma hegemônica para o alcance do desenvolvimento social. As comunidades literária e religiosa, bem como o núcleo familiar dos portugueses (estruturado similarmente aos reinos dinásticos), são representadas no texto de Garrett, ainda que se vislumbrem, em seus escombros discursivos, a ironia e a crítica social à realidade da qual a ficção se alimenta.

A sociedade, retratada por Garrett, e a nação, já consolidada, são reveladas pelas lendas populares, pela história da "Menina dos Rouxinóis", pelas digressões do narrador que cumpre fielmente o que havia prometido no primeiro capítulo: "de quanto *vir* ou *ouvir*, de quanto eu *pensar* e *sentir* se há de fazer crónica" (p.11. Grifos nossos.). Assim, multiplicam-se os momentos em que o narrador discorre livremente sobre os mais diferentes temas, da política à literatura, os quais surgem motivados quer pelos incidentes da viagem, quer pela história que essa engloba. As digressões do narrador surgem para marcar ideologicamente seu discurso e revelar o caótico estado da nação portuguesa, tangencial à política monárquica, passando antes pela corrupção da sociedade, notadamente pela aristocracia decadente e pelo modelo familiar burguês corroído pelas atitudes individuais, e destacando que a crise da moral coletiva tem origem na moral individual.

Viagens na minha terra, ao mesmo tempo que realça o cruzamento dos destinos de representantes de campos opostos, que naturalmente se deveriam unir, revela que o sistema patriarcal e o absolutismo cedem lugar à preocupação com os indivíduos que traduzem a degenerescência. A crise ascende do indivíduo à nação e desencadeia-se num momento fulcral da existência do herói que reflete sobre a dupla postulação a que o Homem se sujeita: ser *natural* e ser *social.* Portugal, governado por uma monarquia que adaptava o liberalismo à sua histórica estrutura comunitária, substituía os saudosos recursos da colônia pelo endividamento estatal e privado. Se as obras viárias criavam novos empregos e dinamizavam a comercialização dos frutos da terra, o desenvolvimento da produção agrícola expandia a classe média, cujas demandas de consumo alimentavam as importações e acabavam por soterrar as indústrias nacionais. Conseqüentemente, o gran-

de Império português, revelado por Camões em *Os Lusíadas,* apresenta-se em fase de degeneração e o narrador garretteano empenha-se em mostrar que a Casa estava ruindo e que a reconstrução só seria possível se se pudessem arranjar todas as classes sociais que a constituíam sob o manto da nação. Revela-se a impossibilidade quando o narrador mostra que as uniões conjugais e produtivas, símbolos da unificação nacional, são frustradas. Exemplo disso é quando a personagem protagonista Carlos, produto de um mundo absolutista por nascimento e liberal por ideologia, não consegue decidir-se entre Joaninha e Georgina, representantes do velho e do novo Portugal, respectivamente. Desiste das duas e, por isso, perde sua qualidade moral e termina alienada, evocando o estado de degradação nacional e de fragmentação que poderiam passar a ser assumidos como a alienação e a tragédia de todo um povo.

Nessa novela garretteana, o relato pode seguir duas vias opostas: seja aquela da viagem, isto é, o fato da locomoção, as peripécias, as impressões dos viajantes, seja aquela da narração, isto é, a maneira de relatar as experiências vividas durante a viagem. A obra descreve um trajeto cujo ponto de partida é Lisboa e o de chegada Santarém, limite que é necessariamente ultrapassado, porque o fim principal para o escritor Almeida Garrett não é dar conta da aventura até Santarém e sim desvendar como essa viagem é reveladora da construção/desconstrução da nação portuguesa, da identidade nacional e de seu mundo interior.

Enquanto relato de viagens, cujo caráter ulterior do ato de narrar é extremamente acentuado por configurar-se como memória, a obra deixa explícita a situação do narrador em relação ao que narra; nele, o estatuto de viajante autoriza o narrador autodiegético a referir de modo muito pessoal um acontecimento singular - ir de Lisboa a Santarém. Organizando os acontecimentos numa versão definitiva ele "procurará narrar uma história que conhece em sua totalidade"[6]. Voltado para o exterior e acolhendo impressões de viagem, comentários de leituras, reflexões políticas, estéticas, morais, religiosas, esse relato apresenta-se, por essência, como espaço de fundação e reconhecimento do eu, tornando-se exercício intelectual e oficina de idéias. O estatuto da confidência, a extroversão dos fatos para o "leitor benévolo", decorre, assim, de uma necessidade de comunicação do *eu* consigo mesmo ou com os outros. Conseqüentemente, a tendência descritiva, privilegiada pela narrativa e estimulada pela autoridade do narrador-viajante, que conhece muito mais que seus leitores, alterna-se com a digressão, porque o sujeito que se desloca no espaço português, empreende uma via-

---

[6] BUTTOR, Michel. *Essais sur le roman.* Paris: Gallimard, 1969, p. 77.

gem ao interior de seu país e ao interior de si próprio, realiza "uma viagem de natureza ideológica e de intenção didática, autorizada pela experiência adquirida e constituída por digressões intelectuais, através de valores e de sentidos culturais descobertos a partir da primeira (...) viagem"[7], aquela realizada a Santarém.

É interessante notar que a relação constante entre o narrador e o narratário é muito forte, sendo que, muitas vezes, nela a presença de Garrett se faz sentir de modo atuante e sedutor, constituindo-se no elemento unificador de todas as digressões, de todas as evocações, dos elementos mais díspares da novela. A função unificadora do autor permite o estabelecimento do pacto autobiográfico: autor, narrador, personagem em determinados momentos identificam-se, justificando-se, então, o autobiografismo de *Viagens na minha terra.* Chega, muitas vezes, a voz de Garrett, a sobrepor-se à do narrador, o que justifica a afirmativa de Carlos Reis[8] de que é Garrett quem diz ao leitor de *Viagens:*

> Chegue-me a Santarém, descanse e ponha-se-me a ler a crónica: verá se não é outra coisa, verá se diante daquelas preciosas relíquias, ainda mutiladas, deformadas como elas estão por tantos e tão sucessivos bárbaros, estragadas, enfim, pelos piores e mais vândalos de todos os vândalos, as autoridades administrativas e municipais do feliz sistema que nos rege, ainda assim mesmo não vê erguer-se diante de seus olhos os homens, as cenas dos tempos que foram; se não ouve falar as pedras, bradar as inscrições, levantar-se as estátuas e os túmulos, e reviver-lhe toda a poesia daquelas idades maravilhosas! (p.194)

Nota-se, através do excerto, a ironia com que o narrador analisa a situação deplorável da nação portuguesa deformada, mutilada pelos "vândalos". A voz do Autor aqui se identifica à do narrador, como fatos de sua vida identificam-se a fatos da vida da personagem Carlos. Garrett, como o herói de *Viagens,* possui temperamento poético, é inconstante nos seus amores, foi exilado político, lutou contra o absolutismo miguelista e, principalmente, desiludido, abandonou os ideais liberais, que o acompanhavam desde a juventude, ao aceitar o título de visconde. O Autor, ao dar um nome fictício à personagem, transforma sua biografia em romance e beneficia-se da liberdade criadora. Mesmo assim, o caráter retrospectivo da narração e, em determinados momentos da narrativa, a reunião, numa mesma pessoa grama-

[7] REIS, Carlos. Op. cit., nota 2, p. 91.
[8] Idem. Ibidem.

tical *eu,* de três entidades dá ao discurso uma importância e uma complexidade particulares. O vai-e-vem entre o tempo da história e o da escritura permite a constante relação entre o eu do presente narrativo e o eu passado, relações de identificação, renascimento de emoções ou de distanciamento, nostalgia de uma época passada e revivida. O que se vê, então, é um plano temporal múltiplo: o presente abrange o período de viagem a Santarém, no ano de 1843; o passado recente remete para a época das lutas entre liberais e absolutistas, de 1830 a 1834; o passado remoto conduz aos primórdios do século, quando o narrador refere a vida pregressa de uma das personagens da história de Joaninha, Frei Dinis, e, através das digressões, recua na História de Portugal ao momento em que se inicia o fim do Império. A novela de Almeida Garrett persegue a história e empreende esse cerco por uma bem construída estrutura ficcional que exercita o estatuto da verossimilhança com propriedade. Entretanto, no intuito de falar do passado em veracidade, a obra incorpora alguns artifícios de composição, cuja finalidade é reforçar as motivações realistas e ampliar a base histórica.

O jogo entre narrador e personagem sinaliza, de certa maneira, o autobiografismo na novela, duplica a organização material da representação que é a própria escritura. O narrador, então, dirige-se ao seu narratário com o qual instaura um diálogo mais ou menos explícito. Comentando seu texto, ele reafirma os jogos de sua memória e insiste na dificuldade de discernir a verdade ou de comunicar certos estados psíquicos:

> Mas o que terá isso com a jornada da Azambuja ao cartaxo? A mais íntima e verdadeira relação que é possível. É que a pensar ou a sonhar nestas coisas fui eu todo o caminho, até me achar no meio do pinhal da Azambuja. Aí paramos, e acordei eu.
> Sou sujeito a estas distrações, a este sonhar acordado. Que lhe hei-de eu fazer? Andando, falando, escrevendo, sonho e ando, sonho e falo, sonho e escrevo. Francamente me confesso de sonâmbulo, de sonilóquio, de... Não fica melhor com seu ar de grego (hoje tenho a bossa helênica num estado de tumescência pasmosa!); digamos sonílogo, sonígrafo...
> A minha opinião sincera e *conscienciosa* é que o leitor deve saltar estas folhas, e passar ao capítulo seguinte, que é outra casta de capítulo (p. 26).

O trecho final do capítulo quatro induz o leitor a encontrar a sinceridade do autor-narrador. Este pretende narrar os acontecimentos passados com o máximo de exatidão e sinceridade, o que é um erro, pois a memória,

que dirige esse tipo de discurso retrospectivo, é, muitas vezes, infiel; o passado é colorido pelo olhar retrospectivo; a organização dos pensamentos, das emoções, em forma discursiva, não apresenta a espontaneidade primeira. O tom coloquial, as questões retóricas dirigidas ao narratário ("Que lhe hei-de eu fazer?"), o ar de confidência ("Francamente me confesso de sonâmbulo", "A minha opinião sincera..."), a demonstração de domínio lingüístico ("me confesso de sonâmbulo, de sonilóquio [...] digamos de sonílogo, de sonígrafo") procuram a cumplicidade do narratário que o está acompanhando não apenas na viagem mas também na descoberta de seu interior. Ora, considerando-se o propósito das palavras acima supostamente dirigidas pelo Autor a seus leitores, o princípio operatório que leva a uma leitura pertinente de *Viagens* consiste também em observar o diálogo que a narrativa mantém com a História de Portugal, capaz de inspirar importantes ligações ideológicas.

Assim, o jogo narrador-narratário explicita-se no momento em que o narrador, desejando compreender a evolução de sua personalidade, é levado a analisar ou, então, a estruturar sua história na dependência das intenções daquilo ao qual ele se consagra. A seu tempo o autor Garrett escreve porque descobriu a perspectiva segundo a qual ele deseja ver sua vida, e essa perspectiva é ela mesma resultado de sua história.

O mérito de *Viagens na minha terra* centra-se, justamente, na textualização da memória, na viagem como temática e motivo da novela, no conceito de nação e no autobiografismo que Garrett desenvolve. Também fica por conta da curada observação dos fatos que põem a nu as engrenagens sociais do tempo e dos espaços em que viveu, pois, mesmo contextualizado, em diferentes épocas, Garrett revela as faces do seu País. No passado recente, nas ruínas de Santarém, provocadas pela guerra civil, o Autor encontra explicações para a falência do Espiritualismo e da Restauração. No passado remoto, onde os ecos da heroicidade pretérita ainda estão gravados em Santarém, Garrett encontra alento ante o que "fez fraca a forte gente". Os "barões" agora no poder, no governo de Costa Cabral, são de outro gênero, alinhavados pelo materialismo triunfante, não pertencem à mesma casta gloriosa dos "barões assinalados", já que Portugal encontra-se profanado, conforme exclamação do narrador: "malditas sejam as mãos que te profanaram, Santarém... que te desonraram, Portugal... que te envileceram e degradaram, nação que tudo perdeste, até os padrões da tua história!" (p.185).

Mesmo abrindo atalhos para a substituição do antigo regime por um outro, também hierárquico e dominante, os desvios praticados por Garrett, dentro de um discurso hegemônico, conforme a análise assinalou, conferem

à sua novela certa fragilidade diante da força da infra-estrutura ficcional que, embalando-o com uma venerável tradição narrativa, controlada pela diferença, pela nítida separação entre sujeito e objeto, entre público e privado, aponta para a perda das raízes, padrões e valores, para a desnacionalização e ruína de Portugal que se alegorizam em outros aspectos, ao se estabelecer um paralelismo simbólico entre as reflexões político-sociais do narrador e a fábula sentimental de Carlos e Joaninha.

Desse modo, a preocupação de Garrett ao criar um texto que trata da decadência de Portugal é fazer com que, nos leitores da época, despertasse a consciência da situação da sociedade portuguesa e de qual a direção a ser tomada. Contudo, o narrador/autor não vê perspectivas de alcançar o seu objetivo, pois a própria auto-imagem do homem português também não é positiva. Por conseguinte, a intenção didática da narrativa de reformar o País, de exagerar a ruína portuguesa, para provocar uma transformação, não se concretiza, pois, segundo Garrett, Portugal mostra-se de costas para o futuro.